

Um apólogo

(ou o rei continua nu?)

Este artigo foi escrito para o jornal A Notícia, de Santa Catarina, por ocasião do 17º Festival de Dança de Joinville. Pareceu-me atual e resolvi dividi-lo com os colegas e leitores.

"Relendo Machado de Assis, que mestre maior não existe, abri o volume dois de sua obra completa, na página com o mesmo título deste artigo. Não por acaso eu o selecionara. O texto, que envolve uma agulha, uma linha e um alfinete, me lembrou, de imediato, inúmeras situações conhecidas. Já no fim do conto, a linha pergunta à agulha:

- Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá? Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: - Anda, aprende tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida... Fazes como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam fico. E Machado conclui: Conte esta história a um professor de melancolia, que me disse: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!"

Suponho que o mesmo ele teria dito a muita agulha dançarina, sempre a abrir caminho para linhas oportunistas. E é por isso que muitos profissionais se alfinetam; para que sair de onde estão se ao final da história resta-lhes o insignificante papel de coadjuvante de sua própria história?

É verdade que existem agulhas e agulhas: há as finíssimas, de fundo estreito, só servem para linhas requintadas; há as rústicas, de crochê, de tricô, de tapeçaria, aceitam até linha do tipo barbante, são ótimas para linhas de pura lã. E há as agulhas péssimas, tortas, enferrujadas, grosseiras; pelos seus fundos passam até mesmo fio dental de má qualidade. Não servem para perfurar nem brim, muito menos seda, tule ou gaze *chiffon*; mas as linhas do poder, as que menos costuram, dão-se às mil maravilhas com elas.

À custa do caminho que essas agulhas, mal ou bem, abrem, linhas politicamente habilidosas integram comissões, mudam a grafia internacionalmente adotada da palavra *ballet* num país de estrangeirismos inaceitáveis, distribuem prêmios, escrevem livros bancados com dinheiro público, assinam manuais que deseducam, distorcem a história, programam dança pelas tevês sem qualquer critério (adoram ilustrar a dança acadêmica com o que de pior existe, uma vez que não entendem nada do assunto), forjam gênios, enfim, exercem uma atividade de dar inveja até às poucas agulhas que, sabe-se lá como, conseguem acompanhar o traje da baronesa.

Machado de Assis só não falou dos tecidos. Quem sabe por respeito à fábula “O alfaiate e o rei”. Para os que não a conhecem, esse rei encomendou um costume aos mais famosos “alfaiates” da época. Percebendo que o rei nada entendia de coisa alguma, muito menos de alta costura, os espertalhões decretaram: “Só os inteligentes conseguem enxergar a roupa nova do rei, uma verdadeira obra de arte”. E assim, fingindo costurar um traje com agulhas, linhas e tecidos que não existiam fizeram o tal rei sair pelado.

Na fábula a ingenuidade e a sinceridade de uma criança aponta a verdade da nudez real. Hoje, quando tantas agulhas, linhas, alfinetes e tecidos sequer existem, são inventados, ainda que lamentavelmente visíveis, quem terá coragem de gritar que muitos teatrólogos e atores investidos de um súbito conhecimento de dança, coreógrafos da mente, analistas neuroniais, curadores, doutores, críticos, *performers* da nova era, estão nus?

Eu, pessoalmente, não tenho vocação para alfinete; amo o *ballet* de forma muito visceral para ficar, filosoficamente, contemplando seu enterro, programado por linhas mal intencionadas, auxiliado por agulhas idiotas. Também nunca consegui ser linha de espécie alguma. Linhas precisam conviver com o Poder. Eis que sou absolutamente incapaz de transitar com poderosos.

Mas, me encaixo como uma agulha honesta, nacional, mas de bom aço, capaz de buscar caminhos e procurar verdades.